

INVESTIMENTOS CHINESES NO TERRITÓRIO FLUMINENSE E SUA LÓGICA DE LOCALIZAÇÃO ESPACIAL NA BUSCA POR RECURSOS ESTRATÉGICOS

CHINESE INVESTMENTS IN THE FLUMINENSE TERRITORY (RIO DE JANEIRO) AND ITS SPATIAL LOGIC OF LOCATION IN SEARCH FOR STRATEGIC RESOURCES

THIAGO JEREMIAS BAPTISTA

Universidade Estadual do Rio de Janeiro
thiagobapt@hotmail.com

RESUMO. No início do século XXI a economia brasileira foi marcada por um novo elemento, sendo este decorrente do grande volume de investimentos chineses. A inserção do Brasil entre os países que mais recebem investimentos chineses, não confere a economia brasileira, um papel extraordinário, visto que até a década de 2010 o Brasil caracterizava-se como uma fronteira na América Latina aos investimentos chineses. Embora, houvesse este tipo de investimento no Brasil em momentos pretéritos ao referido período, estes não possuíam muito vulto. Entretanto, a superação dessa fronteira a partir de 2010 evidencia que a República Popular da China passou a incorporar as trocas com o Brasil às necessidades da sua economia. Com efeito, o início do século XXI foi marcado por um grande volume de investimentos chineses destinados à região Sudeste do Brasil e entre as Unidades Federativas (U.F) desta região, o estado do Rio de Janeiro destaca-se como um dos maiores receptores deste tipo de investimento. Consideramos que pelo lado da China, essa situação deve-se a tentativa do país asiático assegurar seu acesso a recursos estratégicos, enquanto que do lado brasileiro a projeção do estado fluminense entre os maiores receptores do capital sínico deve-se, entre outros fatores, ao seu destaque na produção de petróleo. Com esforço de realizar um exercício analítico acerca desta temática, apresentaremos o ambiente político internacional entre o Brasil e a China por considerarmos este uma condição *sine qua non* ao ingresso de investimentos chineses no Brasil, assim resgatamos as relações sino-brasileiras e destacamos que diferentemente da conjuntura política decorrente da Revolução Chinesa (1949), que resultou no rompimento das relações sino-brasileiras estabelecidas em 1880, os governos de Brasília e Pequim dispõem, na atualidade, de um ambiente de concertação política favorável resultante do amadurecimento das relações sino-brasileiras restabelecidas em 1974. Em seguida analisamos a distribuição espacial dos investimentos da segunda maior economia mundial em diferentes escalas, e por fim avaliamos o influxo de investimentos chineses no Brasil, e em especial no estado do Rio de Janeiro, onde destacamos que os investimentos direcionados ao território fluminense buscam recursos e mercados, sendo a sua prioridade o setor de energia e siderúrgica, apontando-se ainda os municípios e regiões do referido território que assistiram o influxo dos investimentos que operam uma racionalidade de assegurar recursos energéticos ao mercado chinês.

PALAVRAS-CHAVE. TERRITÓRIO FLUMINENSE, CHINA, INVESTIMENTOS CHINESES.

ABSTRACT. At the beginning of the XXI century the Brazilian economy was marked by a new element , this being due to the large volume of Chinese investments . The insertion of Brazil among countries that receive more Chinese investment does not confer the Brazilian economy , an extraordinary role , since until the 2010s Brazil was characterized as a frontier in Latin America to Chinese investments . Although, there were investments in Brazil in bygone times that period, they did not have much shape. However, overcoming this boundary from 2010 shows that China has incorporated trade with Brazil needs of its economy. Indeed, the beginning of the XXI century was marked by a large volume of Chinese investments for the Southeast region of Brazil and between Federal Units (UF) of this region, the state of Rio de Janeiro stands out as the largest recipient of such investment. We believe that by the side of China , this situation should try the Asian country secure its access to strategic resources , while the Brazilian side Fluminense projecting the state among the largest recipients of capital chinese is due, among other factors, the its prominence in oil production. With effort to make an analytical exercise on this theme , we will present the international political environment between Brazil and China because we consider this a *sine qua non* to the entry of Chinese investments in Brazil , so we rescued the Sino - Brazilian relations and emphasize that unlike the situation policy due to the Chinese Revolution (1949) , which resulted in the disruption of Sino-Brazilian relations established in 1880, governments

in Brasilia and Beijing have, in actuality, a favorable political environment resulting from consultation restored maturation of Sino-Brazilian relations in 1974. then analyzed the spatial distribution of the investments of the second largest economy in different scales, and finally evaluate the influx of Chinese investments in Brazil, especially in the state of Rio de Janeiro, where we emphasize that targeted investments to Rio de Janeiro territory seeking resources and markets, and its priority the power sector and steel, still pointing the municipalities and regions that territory who watched the influx of investments that operate a rationality to ensure energy resources to the Chinese market .

KEYWORDS. RIO DE JANEIRO TERRITORY, CHINA AND CHINESE INVESTMENTS.

OS INVESTIMENTOS CHINESES NO TERRITÓRIO FLUMINENSE NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

O início do século XXI foi marcado por um grande volume de investimentos chineses destinados à região Sudeste do Brasil. Entre as Unidades Federativas (U.F) desta região, o estado do Rio de Janeiro destaca-se como um dos maiores receptores deste tipo de investimento. Tal fato está vinculado aos interesses da República Federativa da China (RPC) em assegurar recursos estratégicos, como as *commodities* energéticas e minerais, contribuindo para uma maior integração do país à economia internacional e exigindo do território fluminense uma reestruturação condizente a esse momento de dinamismo econômico.

Através do prisma de análise concedido pela Geopolítica, consideramos que o direcionamento de investimentos chineses ao Brasil resulta de um ambiente de concertação política favorável no que tange as relações sino-brasileiras. Com efeito, pelo lado da China, essa situação deve-se a tentativa do país asiático assegurar seu acesso a recursos estratégicos, enquanto que do lado brasileiro a projeção do estado fluminense entre os maiores receptores do capital sínico deve-se, entre outros, fatores ao seu destaque na produção de petróleo.

QUESTÃO CENTRAL: O INFLUXO DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL NO SÉCULO XXI

Diferentemente de conjunturas políticas passadas, as relações sino-brasileiras desfrutam de ambiente de concertação política favorável que, na atualidade, podem ser evidenciadas, pelo incremento das relações comerciais entre as maiores economias Ásia e da América do Sul, bem como pelo fluxo de investimentos chineses no Brasil. Diante deste cenário, o trabalho em tela tem como questão central a distribuição espacial dos investimentos chineses em diferentes escalas, destacando a posição do Brasil entre maiores receptores de investimentos chineses na América Latina, sobretudo, após 2010, e evidenciando a inclusão do território fluminense entre as U.F que mais recebem investimentos chineses no início do século XXI. Portanto, a maior contribuição do artigo deve-se ao fato de propormos uma análise acerca dos investimentos chineses direcionados ao Rio de Janeiro. Haja vista, que estudos acerca da internacionalização desse tipo de investimento foram realizados apresentando sua distribuição em outras escalas espaciais.

EMBASAMENTO TEÓRICO

O ambiente de concertação política favorável ao ingresso de investimentos chineses no Brasil

No início do século XXI, o Brasil ascendeu como um dos maiores receptores de investimentos no mundo, e no que diz respeito à origem desses investimentos, destaca-se o volume de investimentos oriundos da China, o novo líder do renascimento econômico da Ásia Oriental (ARRIGHI, 2008). Segundo Santos, “o papel das finanças na produção de uma nova arquitetura do espaço não tem escapado aos geógrafos” (SANTOS, 2008, p. 201), nesse sentido, propomos aqui avaliar o ambiente político internacional entre o Brasil e a China por considerarmos este uma condição *sine qua non* ao ingresso de investimentos chineses no Brasil, e, sobretudo, a racionalidade existente nos 43,7 mil Km² do território fluminense viável à reprodução do capital de origem sínica.

Atualmente o protagonismo dos países emergentes no espaço geográfico mundial contribui para que a área de pesquisa da Geografia seja perpassada por temas que suscitam debates internacionais. O Brasil e a China são países que ocupam posição de destaque na América Latina e na Ásia respectivamente. A dimensão territorial, populacional, o crescimento econômico atual, assim como a projeção internacional, sobretudo, a partir do termo BRIC¹, que esses países vêm apresentando, despertam interesses para a compreensão de suas relações políticas e econômicas.

Diferentemente da conjuntura política decorrente da Revolução Chinesa (1949), que resultou no rompimento das relações sino-brasileiras estabelecidas em 1880², os governos de Brasília e Pequim dispõem, na atualidade, de um ambiente de concertação política favorável. Consideramos que este ambiente é resultado do amadurecimento das relações entre o Brasil e a China após o processo de restabelecimento de suas relações políticas e econômicas que remontam a década de 1970³.

Portanto, após quatro décadas, Brasil e China parecem desfrutar da consolidação de suas relações, o que pode ser visualizado através da assinatura de acordos de cooperação e fornecimento de urânio enriquecido com a China (PENHA & MARALHAS, 2012, p. 67), da criação da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (COSBAN) e do Plano de Ação Conjunta Brasil-China 2010-2014, que assinado em 2010 definiu metas e orientações para a cooperação bilateral em diversos setores. E ainda, com a visita do Primeiro-Ministro chinês, Wen Jiabao, em 2012, quando “as relações bilaterais foram alçadas à condição de “Parceria Estratégica Global” e foi assinado o Plano Decenal de Cooperação (2012-2021)” (COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL, 2013, p. 3-4), e do lado brasileiro a visita dos últimos dois presidentes aquele país asiático. Foi em meio a essa conjuntura que a RPC se tornou o primeiro parceiro comercial do Brasil em 2009, ascendendo como o principal destino das exportações brasileiras; e afirmou-se

1 O termo BRIC – apresentado em 2001 pelo economista Jim O’Neill, do Banco Goldman Sachs – resultou de um exercício econométrico que apontava aos investidores internacionais as melhores possibilidades de negócios até 2050, quando Brasil, Rússia, Índia e China deverão estar ao lado dos EUA como as maiores economias mundiais. A entrada da África do Sul (South African) levou a formação do BRICS, estes cinco países se caracterizam por ingressar no século XXI como promissores ao crescimento econômico. Segundo Pedro C. de Mello “o tema BRICS é atualmente assunto presente na definição de estratégias de longo prazo para investimentos e mercados das grandes corporações internacionais” (MELLO, 2012: 17).

2 Daniele de Almeida Simas apresenta o estabelecimento das Relações Sino-Brasileiras no século XIX quando através da assinatura do Tratado Sino-Brasileiro de Amizade, Comércio e Navegação, foram estabelecidas as relações diplomáticas entre o Brasil e China. Ver: SIMAS, D. de A. As relações bilaterais entre o Brasil e República Popular da China - seus antecedentes e o período do governo Geisel. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

3 Quando, em 15 de agosto de 1974, o Brasil restabeleceu relações com a República Popular da China. “Porém, a cooperação mais intensa entre os dois países somente se iniciou após a assinatura do primeiro acordo comercial em 1978” (PEREIRA, 2003:108-109).

em 2012⁴, como o principal país de origem das importações brasileiras.⁵

Entendemos que se faz necessário mencionar tanto aqueles eventos políticos, quanto o incremento comercial sino-brasileiro nos últimos anos a fim de elucidar que o Brasil e a China usufruem, atualmente, do resultado de um ambiente de concertação política evolutivo e favorável à entrada de investimentos chineses no país, o que nos possibilita imprimir “o olhar geográfico para a espacialidade política” (CASTRO, GOMES & CORRÊA, 2012).

A distribuição dos investimentos chineses em diferentes escalas

O exercício analítico da distribuição espacial dos investimentos da segunda maior economia mundial em diferentes escalas, nos permite inferir que na atualidade, a China coloca-se como o 50º maior investidor externo (RIBERIO, 2013). Em escala global merecem destaque a Ásia, a África e a América como as regiões que recebem os maiores aportes de investimentos sínicos (Figura 1).

Acerca dos investimentos chineses no exterior por regiões, a África foi a região que se configurou como o principal destino de ingresso dos investimentos chineses no exterior (OLIVEIRA, 2012, RIBEIRO, 2013). Na Ásia, destaca-se o direcionamento de investimentos aos países vizinhos com objetivo de complementação de suas atividades industriais. Na Europa, França e Alemanha destacam-se como maiores receptores desse tipo de investimento, sendo que o interesse sínico na região deve-se à busca por ativos estratégicos e conhecimento, o que caracteriza o determinante dos investimentos chineses entre os países europeus. Na América Anglo-Saxônica, os EUA ocupam posição de destaque, Oliveira (2012) chama atenção para o fato de nesse país os investimentos serem divididos entre a busca por mercados e a busca de tecnologia.

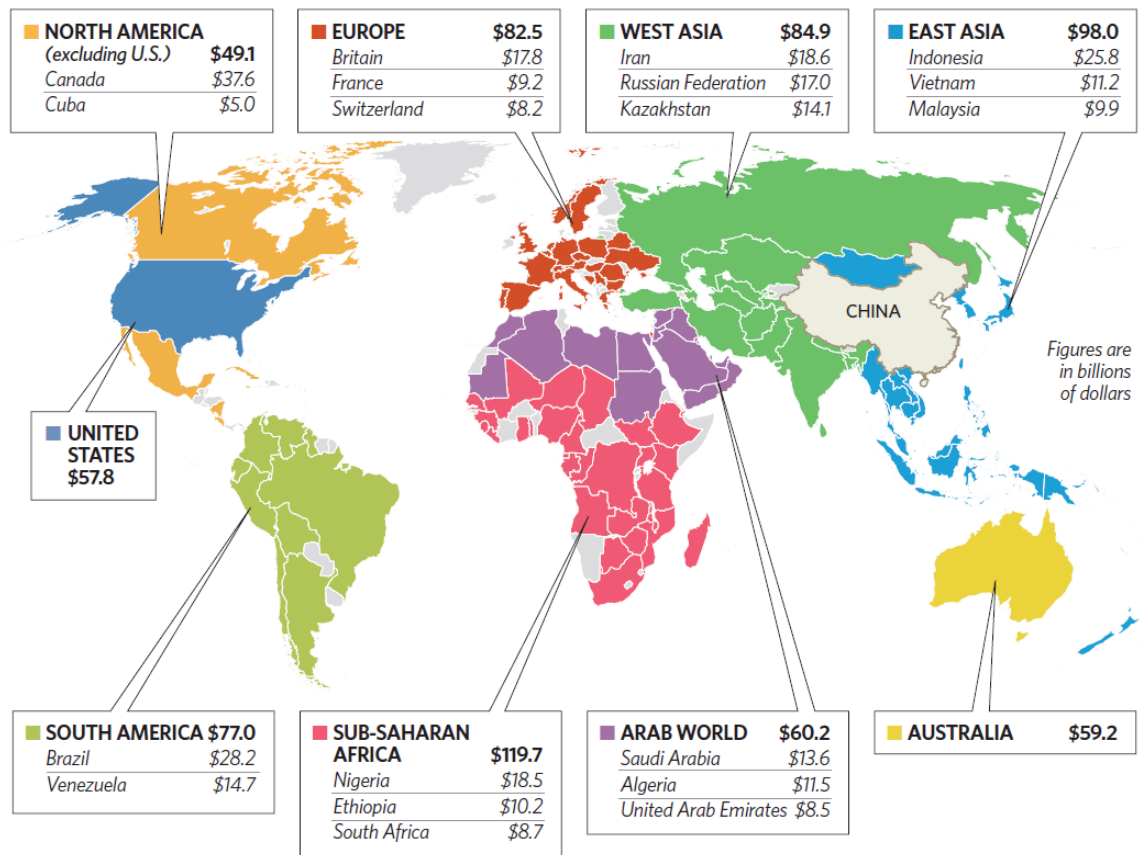
A América Latina é a uma das regiões de maior complementaridade de recursos naturais para a China (OLIVEIRA, 2012). E, direcionando investimentos para essa região, “a China vem cumprindo um papel novo e fundamental na economia sul-americana” (FIORI, 2007, p. 98). Com efeito, o interesse chinês primordial pela região tem sido o acesso aos recursos naturais como: petróleo, cobre e ferro, além do aumento do mercado para os produtos chineses (IPEA, 2011). Portanto, compreende-se que a região configura-se como uma área em que aquele país asiático busca recursos estratégicos.

Boniface & Védrine (2009) ao analisarem “o mundo visto pela China” destacam que este país asiático “interessa-se hoje [...] pela América Latina, para garantir a energia e as matérias primas que lhe faltam” (BONIFACE & VÉDRINE, 2009, p. 97). Segundo Machado (2012) os recursos naturais sul-americanos contribuem para a inserção internacional da região ao mercado global, como provedora de recursos naturais cada dia mais requeridos pelos países industrializados. “Dessa forma, os investimentos das empresas transnacionais se orientam particularmente, na América do Sul para o aproveitamento e à exportação de tais recursos naturais e à produção de produtos primários” (MACHADO, 2012, p. 172).

⁴ “Neste ano, o superávit do Brasil com a China foi o segundo maior, chegando a US\$ 7 bilhões, correspondendo a 35,9% do superávit total brasileiro” (COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL, 2013: p.4). Esta situação está atrelada ao aumento da demanda chinesa por *commodities*, situação que contribuiu para a valorização dos produtos básicos, em especial soja, minérios e petróleo, que se destacam na pauta das exportações brasileiras para a China.

⁵ “A Ásia foi a região que registrou o maior crescimento no intercâmbio comercial com o Brasil entre 2002 e 2011, alcançando variação de 770%. Nesse mesmo período, o crescimento do intercâmbio comercial entre Brasil e China foi de 1.539%” (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2012).

FIGURA 1 - Distribuição geográfica dos investimentos chineses no mundo (em bilhões de dólares)



Fonte: http://www.heritage.org/~media/Images/Reports/2013/07/ib3990_map1_825.ashx - Acesso em: 14 abr. 2014

Segundo Fiori (s.d.), no início do século XXI houve uma retomada do crescimento econômico dos países sul-americanos. Em suas considerações o autor destaca que o crescimento das economias exportadoras da América do Sul está acompanhando o ciclo expansivo da economia internacional, liderado pelo novo eixo econômico mundial na Ásia, a China. Com efeito, este país passa a ser um novo ator econômico naquela região americana, e assim a China está ocupando um papel cada vez mais importante, dentro da região, como investidor, competindo com as fontes tradicionais de capital de investimento na América do Sul (FIORI, s.d., p. 18).

Para Jabbour (2010) “os IEDs da China no exterior seguem um parâmetro bem previsível pelo menos no aspecto da busca de energia” (JABBOUR, 2010, p. 249). E Lyrio (2010) nos mostra que na América do Sul esse interesse não é diferente ao instituir uma aproximação bilateral com países que lhe assegurem o acesso a áreas ricas em recursos naturais e energéticos.

Segundo Lyrio (2010) a trajetória de altas taxas de crescimento econômico da China sustenta-se em pilares como investimentos estrangeiros e comércio exterior – com destaque para as suas exportações –, assim como na intensidade energética. No entanto, “as reservas domésticas de petróleo e de outros recursos energéticos na China são largamente insuficientes para as necessidades de consumo do país” (LYRIO, 2010, p. 61). Nesse sentido, ao avaliarmos o ingresso

de investimentos chineses no Brasil, e em especial no estado do Rio de Janeiro, evidenciamos que entre outros possíveis objetivos – como a busca de mercados e de recursos –, o influxo de investimentos s\u00ednicos no territ\u00f3rio fluminense opera uma racionalidade de assegurar recursos energ\u00e9ticos ao mercado chin\u00eas.

Um novo agente na economia brasileira no in\u00edcio do s\u00e9culo XXI: o influxo dos investimentos chineses no territ\u00f3rio brasileiro

A atual pol\u00edtica da China Comunista compartilha com os hist\u00f3ricos pa\u00edses do centro capitalista o desenvolvimento da globaliza\u00e7\u00e3o. Nesse sentido, “a China v\u00ea sua participa\u00e7\u00e3o na globaliza\u00e7\u00e3o como uma condi\u00e7\u00e3o para o seu pr\u00f3prio desenvolvimento econ\u00f4mico e social que, no seu dizer, conduziria para uma economia de mercado socialista. Contando com densa participa\u00e7\u00e3o nos interc\u00e2mbios internacionais de com\u00e9rcio e investimento” (GEIGER, 2012, p. 207).

Conforme mencionado, a Am\u00e9rica Latina \u00e9 uma das regi\u00f5es do mundo que se destacam como receptoras de investimentos chineses. Desde a d\u00e9cada de 1990 o espa\u00e7o econ\u00f4mico latino-americano vinha se consolidando como uma \u00e1rea de complementaridade a economia chinesa, sem muita inclus\u00e3o do Brasil, sendo pa\u00edses como Peru, Col\u00f4mbia e Equador os maiores receptores de investimentos chineses, conforme revela a tabela 1.

TABELA 1 - Investimentos estrangeiros diretos chineses em economias selecionadas

Pa\u00eds	Confirmadas				Anunciadas (a partir de)	
	1990-2009		2010		2011	
	US\$ milh\u00f5es	%	US\$ milh\u00f5es	%	US\$ milh\u00f5es	%
Argentina	143	1,90%	5550	36,40%	3530	15,50%
Brasil	255	3,50%	9563	62,70%	9870	43,40%
Colombia	1677	22,90%	3	0,00%
Costa Rica	13	0,20%	5	0,00%	700	3,10%
Ecuador	1619	22,10%	41	0,30%
Guyana	1000	13,60%
M\u00e9xico	127	1,70%	5	0,00%
Per\u00fa	2262	30,80%	84	0,60%	8640	38,00%
Venezuela	240	3,30%
Total	7336	100,00%	15251	100,00%	22740	100,00%

Fonte: CEPAL (2011) Elabora\u00e7\u00e3o: CEBC *apud* OLIVEIRA, 2012

No entanto, entre 2008-2010 ocorreu uma significativa mudan\u00e7a neste processo, sobretudo, por ter ocorrido um incremento dos investimentos chineses no territ\u00f3rio brasileiro conduzindo o Brasil a posi\u00e7\u00e3o de maior receptor latino-americano de investimentos chineses no ano de ano

de 2010. Essa posição marca uma mudança abrupta da trajetória dos investimentos na América Latina, por ter levado o Brasil a concentrar a maioria daqueles investimentos.

É nesse contexto, que no início do século XXI a economia brasileira foi marcada por um novo agente, sendo este o grande influxo de investimentos chineses no território brasileiro. A inserção do Brasil entre os países que mais recebem investimentos chineses não confere a economia nacional um papel extraordinário, visto que até a década de 2010 o país caracterizava-se como uma fronteira na América Latina aos investimentos chineses. Embora, houvesse investimentos no Brasil em momentos pretéritos ao referido período, estes não possuíam muito vulto, sendo orientados ao planejamento de empresas chinesas. Entretanto, “essa fronteira foi finalmente superada no ano de 2010, quando, assistimos a um expressivo aumento dos anúncios de investimentos chineses no país, momento em que a China passou a incorporar as trocas com o Brasil às necessidades da sua economia” (CEBC, 2011: 20).

RESULTADOS PARCIAIS

A mudança da posição do Brasil em relação à recepção de investimentos chineses no primeiro quartel de décadas do século XXI é uma situação relevante, sobretudo, para aqueles que buscam articular a reestruturação produtiva do território fluminense ao processo de globalização contemporânea e ao ambiente de concertação política favorável nas relações sino-brasileiras.

No caso brasileiro, o período 2003-2011 caracterizou-se pelo influxo de US\$ 37,0 bilhões em investimentos chineses (Tabela 2). Entre as regiões político-administrativas do território, a região Sudeste destacou-se no recebimento desses investimentos alcançando US\$ 24,8 bilhões no mesmo período, o que corresponde a 67,1% dos investimentos chineses no território nacional (RENAI, 2012), consolidando assim “a relevância do Sudeste” (SANTOS, 2009).

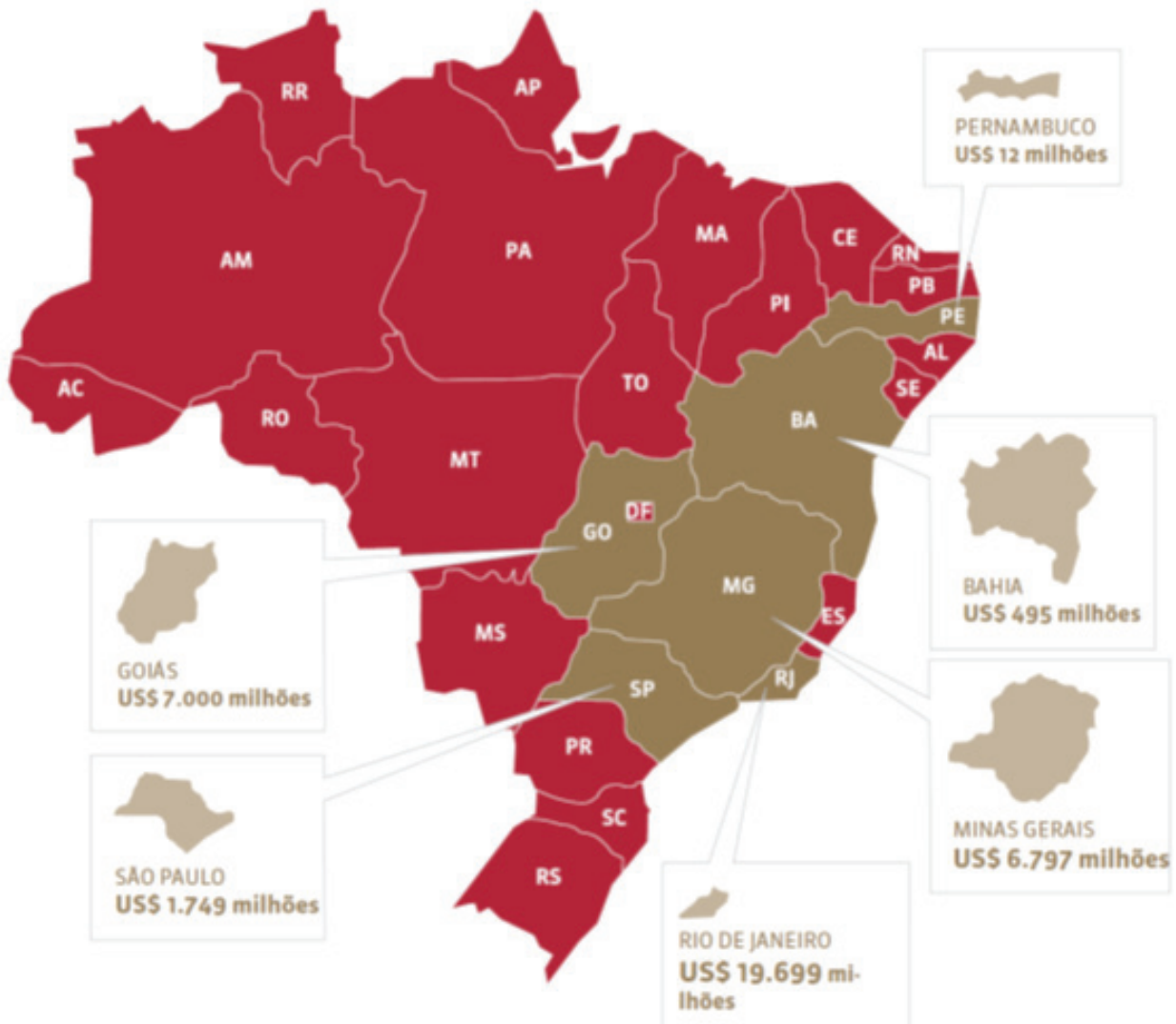
TABELA 2 - Investimentos chineses no Brasil por região (2003-2011)

Região	Valor (US\$)	Part.(%)
Sudeste	24.866.400.000	67,1
Sudeste/Nordeste	2.600.000.000	7,0
Sudeste/Centro-Oeste	1.726.000.000	4,7
Norte	2.283.890.192	6,2
Nordeste	2.066.766.471	5,6
Sul	195.511.429	0,5
Não especificada	3.321.241.860	9,0
Total	37.059.809.951	100,0

Fonte: RENAI, 2012

Entre os estados da região Sudeste, o Rio de Janeiro destaca-se como um dos maiores receptores de capitais síncos, recebendo mais de US\$ 19 bilhões em investimentos chineses (Figura 2). Compreendemos que a inserção do estado do Rio de Janeiro à rede de investimentos chineses está atrelada a inclusão do território fluminense na base internacional de fornecedores de recursos estratégicos para a China e a sua relevância nas relações comerciais com esse país asiático, assim como ao fato de ser a U.F que mais exporta petróleo para a economia chinesa.

FIGURA 2 - Investimentos chineses por estados (U\$ Milhão)



Fonte: CEBC, 2011

Portanto, diferentemente da conjuntura econômica passada, que compreenderia as décadas de 1930-1980, período no qual Melo (2001) e Silva (2012) nos mostram que o território fluminense assistiu um “esvaziamento econômico”, o estado do Rio de Janeiro está diante de um novo cenário. Este se caracteriza pelo ingresso de grande volume de investimentos que buscam conduzir a

economia do estado à retomada do crescimento econômico. Assim, após o período de “esvaziamento econômico” teve o estado do Rio de Janeiro que aguardar a década de 1990, quando as alterações nos paradigmas produtivos e locacionais dos investimentos empreendem uma reestruturação produtiva no território, impactando suas atividades econômicas, destacadamente puxadas pelos setores da indústria extrativa, sidero-metalúrgica, metal-mecânica e automobilística no interior do território, entretanto sem muita participação do capital sínico.

Oliveira (2008) ao analisar a recuperação da economia do território fluminense a partir da perspectiva da reestruturação econômica regional do Norte Fluminense e do Médio Paraíba, aponta o ano de 1994 como um momento de grande importância para a economia do estado do Rio de Janeiro, por ter ocorrido neste à intensificação das atividades extrativas no Norte Fluminense. O crescimento do PIB do estado do Rio de Janeiro a partir de 1994, para Oliveira (2008) e Silva (2012) foi desencadeado pela atividade petrolífera. Assim a recuperação da economia fluminense a partir da década de 1990, esteve associada às atividades extrativas, destacadamente na Bacia de Campos.

Na porção ocidental do referido estado ocorreu também na mesma década à instalação de empresas do ramo automobilístico – Peugeot-Citröen e Volkswagen – liderando a reestruturação econômica regional do Médio Vale do Rio Paraíba. Segundo Oliveira (2008) a partir da década de 1990, essas atividades econômicas viabilizam a reestruturação produtiva de regiões do território fluminense, contribuindo tanto para intensificar a sua integração em termos de bases infraestruturais quanto para a incorporação de novas bases tecnológicas em regiões do estado.

Após esse movimento de recuperação da economia fluminense capitaneado pelas atividades extrativas e automobilísticas, o estado do Rio de Janeiro assiste, na atualidade, uma reorientação dos fluxos de investimentos para a Região Metropolitana. A duplicação da Rodovia BR 101 ao longo do trecho Rio de Janeiro-Mangaratiba, a instalação do COMPERJ (Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro) a partir de 2006, o Arco Metropolitano⁶, assim como o Superporto do Sudeste, no município de Itaguaí, atraem para essa região um conjunto de atividades complementares que dinamizam a economia de municípios situados no entorno da metrópole, promovendo ainda a modernização de sistemas viários na periferia da cidade do Rio de Janeiro.

Oliveira (2013) apresentando uma contribuição analítica sobre a economia fluminense sinaliza que o intenso crescimento de investimentos produtivos no estado do Rio de Janeiro se configura como um processo de reversão da degradação econômica pela qual passou o território ao longo dos três primeiros quartéis de décadas do século XX, chamando atenção ainda, que pela perspectiva social é um “fenômeno posto a perder”, por valorizar o capital produtivo, corporativo, especulativo e marcado por ausência de políticas territoriais e de regulamentação, onde os espaços identificados pelo capital parecem estar a este subordinado. Compreendemos que seguindo essa tendência, e beneficiando-se de um ambiente de concertação política favorável – como já fora apontado – a China parece identificar o território fluminense como um espaço economicamente favorável a aplicação de seus investimentos, sobretudo, no início do século XXI quando essa economia oriental direciona ao território fluminense investimentos tendo como determinantes destes a busca por recursos e mercados, sendo sua prioridade o setor de energia e siderúrgica como ilustra a tabela a seguir.

TABELA 3 - Projetos de investimentos chineses anunciados no Rio de Janeiro: 2004-2011

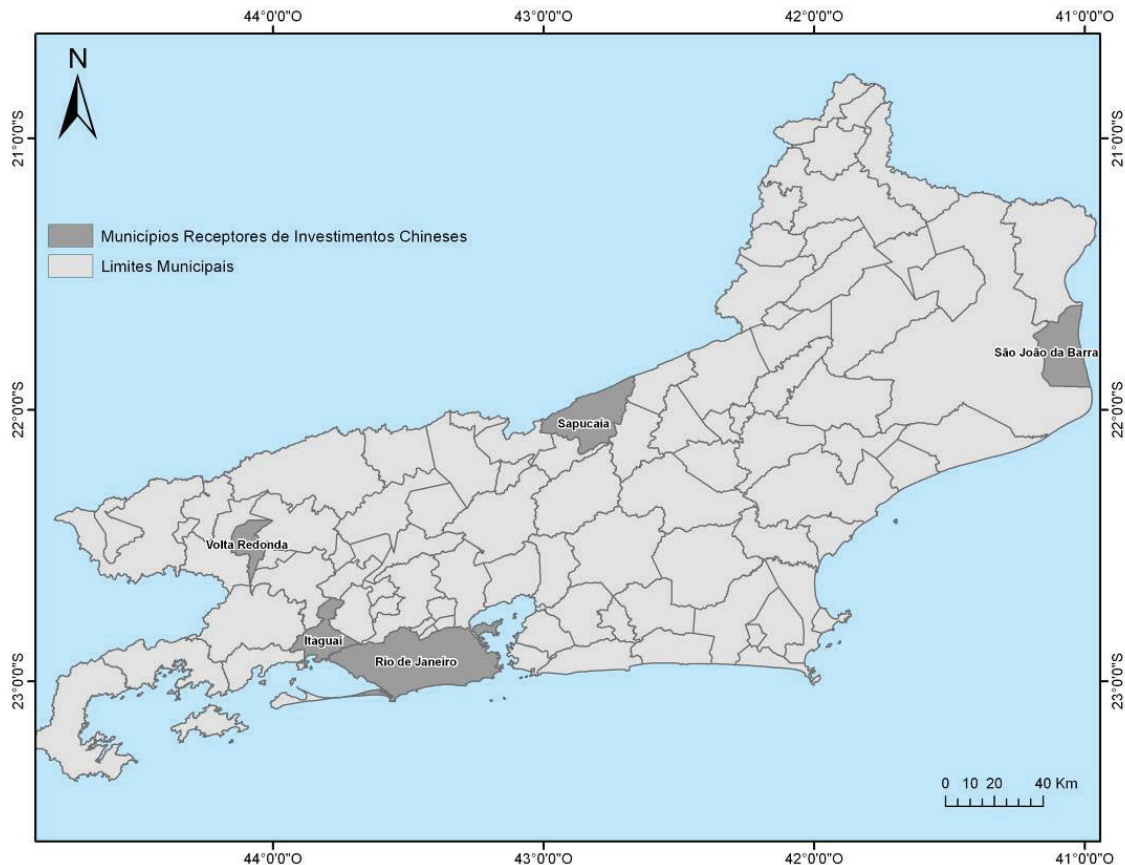
ANO	EMPRESA ORIGEM	VALOR ANUNCIADO EM US\$	MODO DE ENTRADA	SETOR	ESTRUTURA DE PROPRIEDADE	DETERMINANTE DO INVESTIMENTO
2004	Sinopec	240.000.000	Greenfield	Energia (petróleo e Gás)	Central SOE	Busca de Mercado
2010	Sinopec Repsol Brasil	7.109.000.000	Fusões & Aquisições (parcial)	Energia (petróleo e gás)	Central SOE	Busca de Recursos
2010	Sino-chem Statoil ASA	3.070.000.000	Fusões & Aquisições (parcial)	Energia (petróleo e gás)	Central SOE	Busca de Recursos
2010	CR Zong- shen	20.000.000	Greenfield	Automotivo	Privada	Busca de Mercado
2010	Sinopec/ Cnooc	6.000.000.000	Fusões & Aquisições (parcial)	Energia (petróleo e gás)	Central SOE	Busca de Recursos
2010	Wisco	3.500.000.000	Joint Venture	Siderurgia	Central SOE	Busca de Recursos
2010	Sinopec	Não divulgado	Fusões & Aquisições (parcial)	Energia (petróleo e gás)	Central SOE	Busca de Recursos
2011	CNR	200.000.000	Fusões & Aquisições (completa)	Ferroviário	SOE	Busca de Mercado
2011	Sinopec	3.500.000.000	Fusões & Aquisições (parcial)	Energia (Petróleo e Gás)	Central SOE	Busca de Recursos
2012	Sinopec (Anunc)	947.000.000	Fusões & Aquisições (parcial)	Energia (Petróleo e Gás)	Central SOE	Busca de Recursos
2013	CNPC e CNOOC	1.500.000.000	Fusões & Aquisições (parcial)	Energia (Petróleo e Gás)	Central SOE	Busca de Recursos

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Oliveira (2012) e CEBC (2013)

Consideramos necessário sinalizar aqui que se por um lado os investimentos chineses contribuem para as taxas de crescimento econômico nacional e regional, por outro evidenciam a materialização do conceito de território usado e a internacionalização de cidades formulados por Santos (2011, 2009), abrindo espaço para a análise geográfica das territorializações e reterritorializações decorrentes da apropriação e produção de espaços situados no entorno da metrópole fluminense e regiões do interior do território do estado do Rio

de Janeiro, sobretudo, quando se verifica que estas assistira o influxo dos investimentos chineses. Portanto, identificou-se como os principais municípios e regiões receptores de investimentos chineses: São João da Barra, na Região Norte Fluminense; Itaguaí e Rio de Janeiro, na Região Metropolitana (RMRJ); Volta Redonda, na Região Médio Paraíba e Sapucaia, na Região Centro-Sul Fluminense.

FIGURA 3 - Municípios receptores de investimentos chineses no estado do Rio de Janeiro



Fonte: Elaborado pelo autor

Entre os principais fatores para esse influxo de capital síncico fomos capazes de compreender quatro pontos importantes, sendo estes: I. na perspectiva geopolítica: o ambiente de concertação política favorável após o restabelecimento do relacionamento Brasil-China conformou um terreno estável para as relações sino-brasileiras. II. Na perspectiva da conjuntura econômica estadual: a retomada do crescimento econômico do estado do Rio de Janeiro, após a segunda metade da década de 1990, conformou um ambiente econômico favorável e atrativo ao ingresso de investimentos internacionais, sobretudo, de origem chinesa no início do século XXI. III. Na perspectiva industrial: o crescimento de setores produtivos como as atividades extrativas e de transformação, viabilizando a reestruturação produtiva e a especialização econômico-regional de regiões do território fluminense foram fatores atrativos para aplicação do capital síncico no estado do Rio de Janeiro seguindo a lógica de reestruturação territorial assistida pelo estado desde o final do século XX. Na perspectiva petrolífera: a afirmação do estado do Rio de Janeiro como o maior produtor de petróleo nacional,

sobretudo, após a intensificação da exploração da Bacia de Campos, no litoral setentrional do território fluminense a partir da década de 1990, revelou-se como um fator importante à atratividade dos investimentos chineses, devendo-se atentar a importância desse produto para a economia internacional, em especial a economia da República Popular da China.

REFERÊNCIAS

- BECARD, D. S. R. O que esperar das relações Brasil-China? *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 19, n. suplementar, p. 31-44, nov. 2011
- BONIFACE, P. & VÉDRINE, H. *Atlas do Mundo Global*. São Paulo, Estação Liberdade, 2009.
- CASTRO, I. E. de, GOMES, P. C. da C., CORRÊA, R. L. (orgs.). *Olhares Geográficos – Modos de Ver e Viver o Espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CEBC. *Investimentos chineses no Brasil: uma nova fase da relação Brasil-China*. Rio de Janeiro: Maio, 2011.
- CEBC. *Carta Brasil China: Edição 1_março 2011*. Rio de Janeiro, 2011.
- CEBC. *Boletim investimentos Chineses no Brasil 2012-2013*. Rio de Janeiro, 2013.
- FIORI, J. L. *A nova geopolítica das nações e o lugar da China, Índia, Brasil e África do Sul*. s.d. Disponível em: <http://www.unicamp.br/Neal/artigos/ProfFiori.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2014.
- FIORI, J. L. FIORI, José Luís. A Nova geopolítica das nações e o lugar da Rússia, China, Índia, Brasil e África do Sul. In: *Revista de Economia Heterodoxa*, nº 8, ano VI, 2007.
- GEIGER, P. P. Tópicos da economia política da globalização. In.: PACHECO, S. M. M. & MACHADO, M. S. (orgs.). *Globalização, políticas públicas e reestruturação territorial*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- JABBOUR, E. M. K. *Projeto Nacional, Desenvolvimento e Socialismo de Mercado na China de Hoje*, (Tese/USP), São Paulo, 2010.
- LYRIO, M. C. *A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos*. Brasília: FUNAG, 2010.
- MELO, H. P. A trajetória da industrialização do Rio de Janeiro. In: AMÉRICO FREIRE, A.; SARMENTO, C.E.; MOTA, M.S. (Org.) *Um Estado em questão: os 25 anos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 219-248.
- MELLO, P. C. de. *O B de BRICs: potencial de consumo, recursos naturais e economia brasileira*. São Paulo, Saint Paul, 2012.
- MACHADO, M. S. Considerações sobre o Brasil e a Petrobras na integração sul-americana em tempos de globalização. In.: PACHECO, S. M. M. & MACHADO, M. S. (orgs.). *Globalização, políticas públicas e reestruturação territorial*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Comércio Exterior Brasileiro 2012*. MRE/DPR/DIC, 2012.
- OLIVEIRA, A. L. S. de. *O investimento direto das empresas chinesas no Brasil - um estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, 2012.
- OLIVEIRA, F. J. G. de. *Reestruturação produtiva e regionalização econômica do território fluminense*. São Paulo, Garamond, 2008.
- _____. O crescimento econômico do Rio de Janeiro (2006-2016) posto a perder: a ausência de políticas territoriais e de ordenamento do território comprometendo a possibilidade de desenvolvimento. In: OLIVEIRA, Floriano José Godinho de.; WERNER, Cláudia Maria Lima.; RIBEIRO, Patrícia Tavares. 1ª ed. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2013.

- PENHA, E. A. & MORALHAS, R. Política de potência no Brasil e geopolítica energética nuclear. In.: PACHECO, Susana Mara Miranda & MACHADO, Mônica Sampaio (orgs.). *Globalização, políticas públicas e reestruturação territorial*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- RENAI. *Anúncio de Investimentos Chineses no Brasil (2003-2011)*. Brasil, 2012.
- SANTOS, M. *O retorno do território*. São Paulo, Hucitec, 1996.
- _____. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, Edusp, 2008.
- _____. *Por uma Economia Política da Cidade: O caso de São Paulo – 2ª ed.* São Paulo, Edusp, 2009.
- _____. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton [et. al.]. *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial – 3ª ed. 1ª reimp.* Rio de Janeiro, Lamparina, 2011.
- SILVA, R. D. *Indústria e desenvolvimento regional no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2012.
- SIMAS, D. de A. As relações bilaterais entre o Brasil e República Popular da China - seus antecedentes e o período do governo Geisel. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho 2011.